

## Kissinger e a *realpolitik*

*É altura de voltar a olhar para a realpolitik na lógica das suas origens e não como mero rótulo negativo de uma política internacional à maneira de Kissinger nos anos 1970 e outras similares.*

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 17 de Dezembro de 2023

1. Há um velho debate na política internacional que emerge ciclicamente. Fundamentalmente, opõe os que vêem a política internacional como devendo estar impregnada de elevados valores e princípios, sejam morais, ideológicos ou jurídicos, àqueles que vêem a política internacional como uma área em que prevalecem os interesses e o poder afastados de considerações morais, ideológicas e jurídicas. Esta última visão é usualmente designada por *realpolitik*. Com a morte do centenário político norte-americano Henry Kissinger, a controvérsia voltou a surgir em força no debate público.

No último meio século, Kissinger foi a personificação da *realpolitik*. Os seus anos poder, de 1969 a 1997, coincidiram com o apogeu da Guerra Fria soviético-americana. No Governo dos EUA, ocupou o cargo de conselheiro de segurança nacional e depois de secretário de Estado sob a presidência de Richard Nixon e de Gerald Ford. Em todos os grandes acontecimentos políticos da época — guerra do Vietname, guerra da independência do Bangladesh, aproximação dos EUA à China, golpe de Estado no Chile, invasão turca de Chipre, anexação de Timor-Leste pela Indonésia, entre outros —, as manobras políticas de Kissinger terão tido um papel importante. É largamente admirado pelas suas qualidades políticas, estratégicas e intelectuais, mas também é profundamente odiado pela sua política de interesses e jogos de poder amorais, insensível à vontade dos povos, aos princípios democrático-liberais e aos direitos humanos.

2. A admiração e o ódio por Kissinger não surgiram só ligados às suas decisões como homem de Estado. Há uma outra faceta que este cuidadosamente cultivou ao longo do tempo e que contribuiu para uma prestigiada e proveitosa carreira como consultor de governos e de grandes multinacionais. Kissinger configurou-se como herdeiro da tradição de realismo político dos grandes estadistas europeus do passado, em especial do século XIX, o século de apogeu da Europa no mundo. Em obras como *Um Mundo Restaurado*, de 1957, e *Diplomacia*, de 1994, o leitor fica imerso no mundo das intrincadas questões político-diplomáticas europeias e manobras de *realpolitik* com estadistas como Richelieu, Metternich, Castlereagh ou Bismarck.

Já no seu mais recente *Da China*, de 2011, o leitor de Kissinger mergulha na história milenar chinesa e sente ter acesso, em primeira mão, aos meandros da diplomacia secreta dos EUA que, nos anos Nixon-Kissinger, conseguiu dividir o antigo bloco comunista, afastando a China da União Soviética — algo que o próprio Kissinger

propagou como o seu maior feito diplomático. Tudo isto criou uma espécie de mito associando a *realpolitik* a Kissinger de forma imediatista.

**3.** *Realpolitik* é um termo que se presta a múltiplos usos sem um significado claro e rigoroso. Na sua utilização moderna mais consistente pretende caracterizar uma forma de fazer política que se inspira nas ideias de Niccolò Machiavelli (Maquiavel) e do seu tratado de inícios do século XVI, *O Príncipe*, onde este dá conselhos ao governante. Nessa lógica política, o governante é guiado por uma *raison d'état* (razão de estado) e prossegue interesse ligados à conservação do Estado e também ao aumento do seu poder. Para o efeito, se necessário, ignora considerações morais. No propósito de conservar e engrandecer o poder do Estado, todos os meios são bons para atingir tais fins — daí a desqualificação pejorativa de alguém que actua assim como “maquiavélico”.

Todavia, esta narrativa que liga a *realpolitik* às facetas mais cínicas da política internacional é uma construção *a posteriori* que obscurece a sua origem e significado iniciais. A *realpolitik* não surgiu com Maquiavel, nem com a razão de Estado, nem consta que Bismarck alguma vez tenha usado o termo. (Para uma abordagem elucidativa e aprofundada do assunto a melhor leitura é o livro de John Bew, *Realpolitik: A History*, Oxford University Press, 2016.)

**4.** Provavelmente de forma surpreendente para muitos dos que estão habituados a usar o termo, a *realpolitik* não foi criada por um intelectual ou político amoral e cínico, obcecado com o poder e conservação do Estado. Nem por alguém com um calculismo frio e um pensamento estratégico profundo sobre a política internacional. Pelo contrário, o neologismo foi originalmente concebido por August Ludwig von Rochau (1810-1873), um político e jornalista germânico impregnado por ideais radicais, liberais e progressistas à maneira do século XIX. Tendo passado parte substancial da sua vida no exílio em França, apoiou a Revolução de 1848 na Alemanha, uma das rebeliões daquilo que na historiografia europeia ficou conhecido como a Primavera dos Povos.

Na sua obra de 1853, *Grundsätze der Realpolitik (Fundamentos da Realpolitik)*, onde o termo surgiu pela primeira vez, Ludwig von Rochau faz uma crítica ao idealismo utópico, apontando o dedo à incapacidade de fazer triunfar os princípios liberais e de unificar a Alemanha. O que este sustentou com a *realpolitik* foi uma forma de actuar que afastasse utopias completamente desfasadas da realidade, por impraticáveis (não afastar ideais e valores da acção política). Para terem sucesso, os ideais não podiam ignorar os constrangimentos do poder, o que é algo substancialmente diferente do significado (maquiavélico) que a *realpolitik* adquiriu.

**5.** Perceber a carga negativa associada à *realpolitik* leva-nos à Alemanha e Europa do passado. É resultado de um longo processo histórico-político iniciado nas últimas décadas do século XIX. Kissinger foi apenas quem projectou, à sua maneira e na lógica anteriormente referida, a ideia de *realpolitik* na actualidade. Foram historiadores germânicos nacionalistas do século XIX, admiradores de Bismarck, como Heinrich von Treitschke, que se apropriaram do termo e passaram a difundi-lo associado à política

externa e campanhas militares extraordinariamente bem-sucedidas do chanceler germânico.

Mas essa admiração elogiosa não prevaleceu nem em França (a vítima maior do sucesso de Bismarck, que perdeu a Alsácia-Lorena na guerra de 1870-1871), nem sob o olhar britânico. Pelo contrário. Aí, a rivalidade iniciada em finais do século XIX e acentuada na primeira metade do século XX com as duas guerras mundiais deu à *realpolitik* uma fortíssima carga negativa. A conotação com a rival Alemanha alimentada pela já referida apropriação do termo pelo nacionalismo germânico para os seus próprios fins levou, especialmente os britânicos, a denegrirem-na como uma política que espelhava a barbárie e o carácter maligno dos alemães. Mas nos EUA a história da *realpolitik* é bastante mais matizada (e mais benigna).

Nos conturbados anos 1920 e 1930, inúmeros migrantes e refugiados germânicos afluíram aos EUA oriundos da Europa. Foi nesse contexto que Kissinger, um judeu nascido na Alemanha, se deslocou para a América do Norte. Na bagagem de diversos intelectuais de origem germânica, mais tarde naturalizados americanos, os quais foram marcantes na teorização realismo político clássico, desde logo Hans J. Morgenthau, ia a *realpolitik* à alemã. Esta foi transposta para a América do Norte e também adaptada às necessidades da nova potência global e sua escola de relações internacionais. Apesar da carga negativa que muitos lhe associam, não há uma incompatibilidade fundamental entre prosseguir ideais liberais-democráticos e a *realpolitik*. Com Ludwig von Rochau, a *realpolitik* surgiu para que esses ideais (e a unificação alemã) pudessem triunfar no mundo real, superando os constrangimentos práticos do poder. Hoje, quando as democracias liberais enfrentam a forte competição autoritária da China, da Rússia e dos iliberalismos, similar atitude é útil e necessária. É por isso altura de voltar a olhar para a *realpolitik* na lógica das suas origens e não como mero rótulo negativo de uma política internacional à maneira de Kissinger nos anos 1970 e outras similares.

<https://www.publico.pt/2023/12/17/mundo/analise/kissinger-realpolitik-2073871>